

## CULTURA

BEGONHA CAAMANHO, JORNALISTA E ESCRITORA

# “A amizade é um diálogo permanente entre iguais”

ROSA E. / Do que nunca se contou sobre Penélope, durante a ausência de Ulisses, dá conta este livro, *“Circe ou o prazer do azul”*, de Begonha Caamaño. Sabemos, por exemplo, que, para além de sustentar um reino e destecer o tecido, Penélope descobriu a poderosa mulher que ela era graças à

correspondência amistosa que manteve com Circe, amante do herói. Do mesmo jeito, os leitores e leitoras acharemos em Begonia a delicadeza do azul na sua escrita, a generosidade que surge nas linhas desta sua primeira novela que, finalmente, será lilás, igual que a autora, pois ela também navega.

*Circe ou o prazer do azul*, por que nom laranja ou amarelo?

Pois porque o azul do mar, num princípio inquietante para Penélope, pola angústia que lhe provocava receber, por meio dele, a terrível nova da morte de Ulisses, converte-se em serenidade e prazer graças às cartas de Circe e o conseqüente auto-descobrimiento como mulher forte, dona de si.

E se Circe representa o azul, com que outra cor identificarías a Penélope?

Penélope é umha mulher aparentemente serena, assim que poderia associá-la a tons cálidos como o verde, mas, ao final da novela, tanto ela como Circe seriam identificadas com o lilás, a cor emblemática do feminismo, pois as duas mulheres, ainda que diferentes, som, ao seu modo, insubmissas e inconformistas.

Portanto, como insubmissa que afirmas que é, em que corrente feminista estaria inserida Penélope?

Claramente no feminismo da diferença, porque consegue sustentar um reino que nom era o seu e fai-no desde a doçura e a cordialidade, sem o afã imperialista que teria qualquer rei do seu tempo. Na mesma linha feminista situo a Circe.

A doçura, como a amizade, flui nesse rio de cartas. Para ti a amizade é como um rio?

Para mim a amizade é todo. Constitui a forma mais pura do amor, flui, mas também evolui constantemente. Assim, muda a própria relação e nós com ela.

Entom, se a amizade é fluir, porque nalguns casos o que temos é água estagnada?

Estamos cheias e cheios de medos e mui mal educados afectivamente. Tendemos à exclusividade. A amizade é um diálogo permanente entre iguais. O que



realmente nos vai fazer felizes nom é “termos” amigas, mas “sermos” amigas.

A essa exclusividade tende Anticlea, que nom duvida em monopolizar o afecto de Telémaco e manter umha guerra silenciada com Penélope até o momento de morrer que é quando, por fim, reconhece à nora todas as suas virtudes. Que teria que passar para sairmos antes do que ela da armadilha do patriarcado?

Para sair dessa armadilha, primeiro temos que perceber que o é, compreender que quando duas mulheres competem entre elas, o que fazem realmente é competir contra si próprias, assumindo a imagem que o patriarcado cria delas.

E sobre a imagem que o patriarcado cria de nós, Atena é um bom exemplo de amputação do feminino para combater dita imagem. Tu o disseste, “Atena é a deusa criada para acabar com o divinal feminino”. Entom, como “dessatenar” tantas mulheres instaladas no padrom masculino?

É difícil. Primeiro há que chegar ao feminismo, o que muitas vezes é questom do acaso, e depois ter a vontade de reconhecemo-nos sem auto-ódio. De nom se produzir esse encontro com as teorias libertadoras, a “desatenação” de que falas é complicada. E isto nom nos afecta só a nós, quer dizer, os homens vam-se ver afectados porque repensar o feminino

implica a mudança do masculino.

Aí estaria, por exemplo, Laertes?

Sim. Laertes é a minha persónagem masculina favorita. Ele representa o absurdo de um sistema patriarcal que remata afogando este homem, em absoluto ambicioso, como se esperaria de qualquer rei. Efectivamente, Laertes é umha crítica ao construto cultural imperante.

Tés palavras chave para estes termos:

Sonoridade: *Circe e Penélope*  
Feminismo: *Diferença*  
Amor: *Amizade*  
Azul: *Futuro*  
Lealdade: *Sinceridade*

## LÍNGUA NACIONAL

## Convencer e Vencer

VALENTIM R. FAGIM

O plano inicial era intitular o artigo de C.V e fazer um jogo de ideias com Currículo Vitae. Ora, como ainda lembrava as queixas do diagramador do NOVAS, Manuel Pintor, relativamente a tantos títulos com siglas (U+I ou I+U, I+P) simplesmente desistim. Seja dito de passagem que nom se me ocorria nada ao respeito.

Convencer e vencer. O lingüista norte-americano George Lakoff tem advertido que umha das razons das derrotas eleitorais da esquerda derivam de umha fé: os eleitores votam em funçom dos programas eleitorais e das propostas específicas dos candidatos quando realmente as decisõs baseiam-se “nos valores, a capacidade de transmitir, a autenticidade e a confiança”. A deusa razom.

POSSUIDORES DA RAZOM, POR PARTE DO REINTEGRACIONISMO NOM POUCAS VEZES LIMITÁVAMOS A NOSSA ACÇOM AO ARGUMENTÁRIO E AO DEBATE, UM DEBATE COMPULSIVO ATÉ

O reintegracionismo, tenha sido defendido por pessoas da ideologia que fosse, tem tido umha fé similar. Possuidores da razom, nom poucas vezes limitávamos a nossa acçom ao argumentário e ao debate, um debate compulsivo até. Lembre-se a atinada Lei do Berto: “A medida que umha discussom online em galego sobre qualquer tema avançar, a probabilidade de se mencionarem o reintegracionismo/isolacionismo achega-se a 1”.

O esquema vem ser, mais ou menos, lançar umha enxurrada de argumentos e ficar à espera que algumha cousa aconteça. Às vezes acontece, dou fé, mas a paisagem continua mais ou menos na mesma.

Talvez chegasse o feliz momento de pensar menos em convencer e mais em vencer. E isto é outro filme.